

UNICAMP

EVENTO: Entrevista com Almeida PradoVEÍCULO: CORREIO POPULARDATA: 22 out 95PÁGINA: C-1SEÇÃO: CADERNO CCDMC  
BrasilUnicamp

# O erudito guardado por Almeida Prado

O compositor acaba de ganhar o Prêmio Nacional de Música pela Funarte e encara como estímulo à sua fase "sem inspiração"

JURANDY VALENÇA

Enquanto a música popular brasileira cada vez mais renasce com novos compositores e intérpretes, a erudita produzida no País é relegada a um público cada vez menor. Isso não quer dizer que o mercado erudito careça de novos compositores e intérpretes, pelo contrário. É o velho estigma do termo "erudito" que afasta o público leigo desse gênero. Um dos maiores nomes da nossa música erudita, considerado por muitos críticos o maior compositor vivo do País e um dos melhores pianistas do mundo, mora em Campinas, onde é professor do Instituto de Artes da Unicamp. Seu nome: José Antonio Rezende de Almeida Prado. Aos 52 anos, Almeida Prado vê sua obra cada vez mais ser reconhecida no Brasil e exterior. Dia 9 de novembro ele receberá em Brasília (DF), no Teatro Nacional Cláudio Santoro, o Prêmio Nacional de Música dado pela Funarte — considerada a mais importante honraria na área musical do País.

Nada mais justo para esse compositor e pianista nascido em Santos (SP), em 1943, e que estudou com mestres como Lourdes Joppet, Maria José Oliveira, maestro Tabarin, Dinorá de Carvalho, Camargo Guarnieri e Osvaldo Lacerda (atualmente professor de suas duas filhas). Sem contar nomes como Olivier Messiaen, Nádja Boulanger e Annette Dieudonné, com os quais estudou em Paris entre 1969 e 1973. Essa viagem só foi possível devido ao prêmio ganho com a versão musical de *Pequenos Funerais Cantantes ao Poeta Carlos Maria de Araújo*, de Hilda Hilst (prima de Almeida Prado). Entre outras atividades, ele também foi diretor do Conservatório Municipal de Cubatão e do Instituto de Artes da Unicamp, onde defendeu sua tese de doutorado chamada *Cartas Celestes: Uma Uranografia Sonora* geradora de novos processos composicionais.

Ao todo são mais de 250 obras (em discos existem *Cânticos de Amor*, *Cartas Celestes*, *Espiral*, *Momento nº5*, *As Quatro Estações*, *Recitativo e Fuga*, *Tríplice Celeste*, *Oráculo*, *Sinimbu* e *Sonata nº3*, entre outras) que abrangem vários estilos musicais como o nacionalismo, o pós-serial atonal, o transtonalismo (*Cartas Celestes*), o tonal livre, o misticismo e o afro-brasileiro (*Sinfonia dos Orixás*).

Mas as novidades não ficam só no prêmio dado pela Funarte. No início deste ano estreou na cidade de Fribourg (Suíça) o Concerto Fribourgeois para piano e cordas, executado pela pianista brasileira Maria Helena Ferraz, juntamente com a orquestra de jovens de Fribourg sob a regência do maestro Theo Kapsoupoulos. A mesma obra foi tocada em São Paulo no final de agosto com a Orquestra Sinfônica Estadual, sob a regência do maestro Diogo Pacheco. Os irmãos gêmeos Alexandre e Maurício Zanith, ambos pianistas, estão lançando um CD (dia 27 próximo) com a peça *VI Episódios de Animais*, de Prado.

Além dele, Raul do Valle e Ciro Pereira também têm obras no mesmo CD, que só foi possível devido ao Concurso de Música de Câmara da Faculdade Santa Marcelina (SP).

Dia 27 de novembro, no Rio de Janeiro, durante a Bial de Música Contemporânea Brasileira, acontecerá a estréia mundial da *Sonata nº3* para violino e piano. Ao piano, Almeida Prado, que estará acompanhado de sua filha violinista Maria Constança, de 17 anos. Em dezembro será lançado na Suíça o CD *Musique Brésilienne* com mais duas sonatas para piano (nº5 e nº9). No piano, Luiz Carlos de Moura Castro. Sem falar que em julho último, durante as comemorações dos 50 anos da Academia Brasileira de Música, a pianista Elizabeth Aparecida da Silva tocou a obra *Rosário de Medjugorje*, também de autoria do compositor.

Atualmente dois pianistas estão realizando dissertações de mestrado sobre sua obra: Mônica Nasser, da Unicamp, sobre suas canções religiosas; e Hideraldo Grosso, da Universidade do Rio Grande do Sul, sobre seus 25 prelúdios para piano; antes, outras obras do compositor e pianista já haviam sido estudadas em dissertações de mestrado como foi o caso das suas *Sonatas Brasileiras* para violino e piano, realizada pela pianista Nara Vasconcelos.

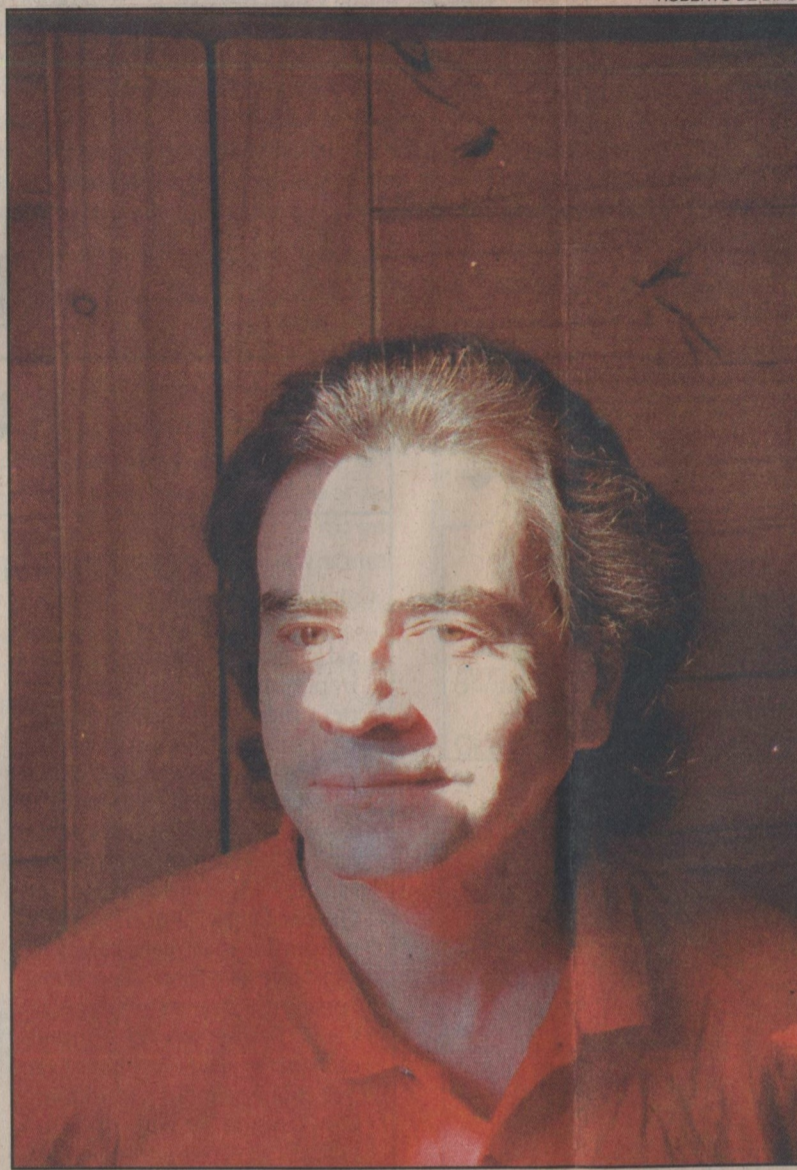
A seguir, a entrevista dada por Almeida Prado, quinta passada em seu apartamento em Campinas, onde ele fala sobre o prêmio; sua obra magna, *Cartas Celestes*; como anda a música erudita no País; Caetano Veloso, Rita Lee e Cazuza; Deus; e a cultura contemporânea, entre outros temas.

**Correio Popular — Primeiro gostaria que o senhor falasse sobre esse prêmio dado pela Funarte.**

**Almeida Prado** — A cada ano a Funarte costumava premiar só um compositor; em 1993 foi o saudoso Guerra Peixe, que faleceu logo depois de receber o prêmio no Municipal do Rio; e no ano passado foi o compositor Edino Griger. Esse ano a Funarte resolveu abrir um leque para cinco categorias de música, sendo que o prêmio de composição ficou comigo; o de intérprete com a Eudóxia de Barros; o de maestro foi para o Mário Tavares, do Rio de Janeiro; o de "mestre" foi para o grande Kouleuter que irá completar 80 anos breve; e o de musicologia ficou com a Cleo Person de Mattos.

**E como foi feita essa seleção?**

Eles enviaram um questionário para 50 personalidades do meio musical de todo Brasil e escolheram os nomes mais representativos. Aliás, esse não é um prêmio que recebi devido a uma só obra, mas sim devido à expressividade de todo um conjunto de mais de 250 obras. Para mim foi uma feliz surpresa porque é um incentivo para uma vida dedicada à música, ao magistério, à interpretação, e veio numa hora em



Almeida Prado revela sua admiração por Caetano Veloso e Rita Lee, fala da sua religiosidade e de sua obra que está sendo gravada em CD

que eu não estava esperando, o que representou uma injeção de ânimo, de estímulo.

**Em seu vasto currículo há uma obra que é considerada um divisor de águas no repertório erudito não só brasileiro mas também mundial, que é *Cartas Celestes*. O senhor poderia falar um pouco sobre ela?**

As *Cartas Celestes* nasceram de uma encomenda em 1974 absolutamente prosaica no sentido que foi feita às pressas. Nessa ocasião, o saudoso José Luiz Paes Nunes, um grande promotor, um idealizador de eventos e novidades se encontrou comigo no Municipal de São Paulo e falou: "Almeida Prado você vai compor a trilha sonora do planetário do Ibirapuera que vai ser inaugurado em setembro com um projeto meu. Quero que você faça o céu do Brasil visto nos meses de agosto, setembro e outubro"; aí eu perguntei se era para orquestra, e ele disse que não, que era para piano porque a verba era um pequeno cachê, sendo que a obra só poderia ter no máximo 40 minutos de duração. Então eu compus em uma semana, algo completamente incompreensível. Comprei o Atlas Celeste do Ronaldo de Freitas Mourão para me apoiar astronomicamente, e li que nesses três meses aparecem no céu as constelações de Virgem, Libra e Escorpião. Peguei todas aquelas informações para simbolizar as 24 letras do alfabeto grego com as quais as constelações são designadas. Compus,

gravei num estúdio e foi lançado no dia. Só que não fez sucesso.

**Quando veio o sucesso?**

Levei as *Cartas Celestes* para tentar tocar num recital que eu ia dar em Genebra (Suíça), para ver se funcionava como música de concerto. Toquei, foi a obra de maior sucesso da noite e um crítico saudoso como um grande evento do novo piano. O meu editor estava presente e logo editou a obra. Ela começou a ser tocada pelo Roberto Zidon, pianista brasileiro que mora há anos na Europa; pelo Ney Salgado, que morava em Washington (EUA); e por outra pianista japonesa que não lembro o nome. Enfim, ela começou a ser tocada no mundo inteiro, fazendo enorme sucesso. Foi quando o Fernando Lopes entrou na Unicamp, ouviu, se encantou e começou a tocá-la, estreando-a em Nova York (EUA) no Carnegie Hall.

**Mas o senhor aumentou as *Cartas Celestes*...**

É. A criação foi em 74, passaram anos, quando em 81 resolvi continuar o projeto do Paes Nunes. Para dar uma unidade, resolvi continuar com os 24 acordes, que um crítico chamou de Trans-tonal, ou seja, sou tonal mas também transcendendo o tonalismo. E essa aventura de três horas de música é a obra mais longa para piano na história da música. Isso quer dizer que o pianista pode tocar a obra, se for louco o suficiente e o público tiver saco, de forma contínua. É como se fosse a

comédia humana de Balzac.

**E a edição da obra pelo selo Eldorado, como aconteceu?**

Eu havia composto o primeiro volume sozinho. Em 81, tive um sonho no qual via um homem azul, alto, muito belo, que dizia que era de Urano e disse que os sábios desse planeta haviam determinado que eu deveria continuar a obra. Então retomei o livro do Freitas Mourão, reestruturei os acordes, e incluí todos os planetas, novas galáxias, constelações, até buracos negros e quasares, terminando a obra em 82, com o título *Um Novo Céu e Uma Nova Terra*. Então o Fernando, para quem dediquei um dos volumes, ficou tão entusiasmado que pegou os seis volumes e propôs à gravadora Eldorado que gravasse na íntegra. Nesse ínterim, o reitor da Unicamp era o José Aristodemo Pinnotti, muito meu amigo. Ele me falou que a Unicamp patrocinaria junto à Eldorado a gravação. A partir daí, *Cartas Celestes* correu o mundo, e então surgiu minha tese de doutorado, a primeira tese da Unicamp na música.

**E atualmente, o senhor está compondo alguma coisa ou está em "silêncio"?**

Estou no que chamo de saturação normal que todo ser humano tem. Componho desde os seis anos de idade, já tenho mais de 250 obras, ou seja, compus a vida inteira, sejam coisas boas ou não, e cansei. Não tenho nada a dizer, estou sem inspiração. Mas não estou triste por não ter o que dizer, porque minha obra está sendo muito tocada. Já compus música dodecafônica atonal, modal, nacionalista, pós-modal, transtonal. Tudo que você pode imaginar de corrente estética musical do século 20 eu tenho na minha obra.

**Mas quando não está compondo o senhor faz o quê além das aulas na Unicamp?**

Fico estudando piano em casa. Recentemente apresentei com a Orquestra Sinfônica de Campinas sob regência do Eduardo Navega, o concerto nº20 de Mozart em Ré Menor, que me deu um élan de voltar ao piano para tocar outros compositores como o próprio Mozart, Beethoven, Villa-Lobos, Camargo Guarnieri e a minha própria obra. No momento penso em gravar um CD com obras minhas que ainda não foram gravadas e outro com minha filha Maria Constança.

**Além da música o senhor também pinta aquarelas, não é?**

No momento não. Tenho feito muitas poesias e alguns contos sem grandes pretensões.

**E a questão de que a música erudita brasileira não ser tão reconhecida para o grande público como a música popular?**

Terça passada fui ao Centro de Convivência assistir a um concerto de grandes intérpretes franceses que vieram a Campinas através do Centro de Documentação de Música Contemporânea da Unicamp.

Fui com o tesão de gostar do concerto e ter novas idéias. Acontece que eu não detestei, pior, me entediei. E quando nós nos entediamos é muito grave porque quando você odeia algo é um sentimento negativo mas forte. O tédio é a indiferença e isso é terrível porque vi que a música atual é extremamente experimental no sentido de que ela procura efeitos, sons estranhos e não se veste de uma idéia inteira, não tem uma estrutura. Ela faz questão de ser marginal em tudo, e isso reflete no mundo contemporâneo que é um mundo abismal. O mundo inteiro está um caos, é terrorismo, guerra na Bósnia... Ninguém vai criar nesse final de século uma obra de consistência que entrará no novo século. Este é um século terminal.

**E o que poderá surgir de novo então?**

Um gênio qualquer, um "João Sebastião" Bach, que vai fazer a síntese de tudo e dar um novo caminho.

**E fora a música erudita, o senhor ouve algum outro tipo de música?**

Adoro o Caetano Veloso. Acho ele um ícone vivo que sempre me dá algo de novo. Ele tem um fervor, uma vibração que nunca me deixa indiferente. Por exemplo, esse *Fina Estampa* é uma maravilha, belíssimo. Inclusive, recentemente, compus uma guarânia, aquela coisa bem paraguaia, mas com uma releitura contemporânea. Já o Chico Buarque não tem isso, ele é um gênio mas segue o que faria Noel Rosa hoje, genialmente bem por sinal. Mas ele ficou muito no espírito do socialismo da PUC dos anos 60, aquela coisa Roda-Viva. Gosto muito da Rita Lee também. Acho a voz uma beleza, tem humor. O Cazuza é outro. Acho que ele foi muito corajoso e talentoso.

**Um aspecto muito visível na sua vida e obra é o religioso. O senhor ainda continua com o fervor místico?**

Contínuo, mas bem menos. Ainda vou à missa, rezo o rosário todo dia, tudo por amor mesmo. Mas não tenho mais aquele ardor de antes, creio que é um desencanto místico. Quando se chega a uma certa idade, isso não quer dizer que estou velho, você perde as ilusões, vê as coisas como realmente são e não entende. E não compreender é uma consciência muito dolorosa. O que me comove muito é a natureza, esse perene mostrar-se de Deus. As pessoas costumam se anestesiarem com todo tipo de coisas e a vida contemporânea é um prato cheio. Tudo para se esquecer da morte.

**Para finalizar gostaria que o senhor citasse algumas obras musicais que estão no seu "altar" particular.**

No momento citaria a *Paixão Segundo São Mateus*, do Bach; o *Concerto Nº 21*, do Mozart; as óperas *Dom Giovanni*, do Mozart, e *Parsifal*, do Wagner; a *8ª Bachiana do Villa-Lobos*; e a *Natividade*, do Messiaen.